

COLÉGIO SANTA TERESA: UM ESTUDO A RESPEITO DO ENSINO CONFSSIONAL EM ITUIUTABA, TRIÂNGULO MINEIRO, MG (1939-1942)

*SAINT TERESA HIGH SCHOOL: A STUDY REGARDING PAROCHIAL SCHOOL
IN ITUIUTABA, TRIANGLE REGION, MINAS GERAIS, BRAZIL (1939-1942)*

Lúcia Helena Moreira de Medeiros Oliveira*
Décio Gatti Júnior**

RESUMO

Este texto é o resultado final do estudo sobre o Colégio Santa Teresa, de Ituiutaba, Triângulo Mineiro, Minas Gerais, Brasil. A pesquisa objetivou compreender seu processo de criação e desenvolvimento, apreender os elementos mais significativos do processo de constituição e desenvolvimento da Congregação das Irmãs Carlistas Scalabrinianas e de seu projeto educativo. A abrangência do período estudado é de 1939 a 1942. Os resultados alcançados demonstram que a criação do Colégio fazia parte de um projeto de escolarização mais amplo da Igreja Católica no Brasil. Além disso, apreendeu-se que o motivo da fundação do Colégio não foi a questão imigratória que norteou boa parte dos demais empreendimentos da congregação, mas sim a necessidade de atendimento das famílias católicas e tradicionais da cidade e região.

Palavras-chave: Instituição Educativa, Ensino Confessional, História das Instituições Educativas

ABSTRACT

This text is the final result of a study of Saint Teresa High School (Colégio Santa Teresa) in Ituiutaba, Triangle Region, Minas Gerais, Brazil. The goal of the research was to understand the process of its founding and development, and discover the most significant elements of the establishment of the Congregation of the Missionary Sisters of Saint Charles (Scalabrinians) and their educational project. The period under study is from 1939 to 1942. The results obtained show that the formation of the High School was part of a broader educational project of the Catholic Church in Brazil. Furthermore, the motivation for the founding of the High School was discovered to be not a question related to immigration that directed a large part of the other undertakings of the Congregation, but rather the necessity of serving the Catholic and traditional families of the city and the region.

Key Words: Educational Institution, Parochial Education, History of Educational Institutions

* Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Doutoranda na UNICAMP. Professora do ISEPI/TSFEDI/UEMG.

** Doutor em História e Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor de História da Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Sócio-fundador da Sociedade Brasileira de História da Educação (degarati@uol.com.br).

Introdução

Este estudo trata do Colégio Santa Teresa, de Ituiutaba, Triângulo Mineiro-MG¹. O Colégio constitui, atualmente, uma das sete unidades do grupo Educação Scalabriniana Integrada ESI, vinculado à Província Nossa Senhora Aparecida, em São Paulo. Aqui, são apresentadas reflexões e questionamentos a partir do fato de o Colégio ser referência educacional para a sociedade tijuicana e região desde sua instalação.

Nessa perspectiva, buscou-se entender seu processo de criação e desenvolvimento inicial, bem como apreender seus elementos significativos, observando, sobretudo, a infra-estrutura, os docentes, os discentes, as práticas e os saberes construídos. Além disso, procurou-se compreender a constituição e o crescimento da Congregação das Irmãs São Carlos Borromeo Scalabrinianas² e sua dedicação à Educação, especificamente, em Ituiutaba.

A criação e consolidação do Colégio Santa Teresa ocorreram no momento em que a Igreja Católica atuava em várias regiões, inclusive no Triângulo Mineiro, na tentativa de recuperar a catolicidade brasileira. Uma das estratégias utilizada pela Igreja foi trazer religiosos e congregações estrangeiras que, posteriormente, instalavam escolas e colégios. Dentre as várias congregações que chegaram ao Brasil no final do século XIX, faz-se, neste trabalho, uma incursão às Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas³, ligadas à Província de Nossa Senhora Aparecida desde 1895.

Para a criação do Colégio Santa Teresa, nos anos trinta, em Ituiutaba, observou-se o empenho de Dona Olegária Ribeiro Chaves e do Padre Fortunato Morelli. Ambos buscaram a instalação de um colégio confessional para atender meninas de famílias do meio rural e urbano. A instalação do Colégio marcou o advento de nova era educacional e as famílias confiaram a educação de seus filhos, principalmente, de suas filhas, a uma congregação religiosa.

Na dinâmica do processo de investigação, considerou-se como pressuposto básico a problematização do Colégio Santa Teresa com a comunidade envolvida. Por esse motivo, buscou-se interpretar sua identidade histórica, inserindo-o em um contexto maior do sistema educacional brasileiro desde sua instalação e consolidação ao longo dos anos trinta. Procurou-se, ao mesmo tempo, analisá-lo com olhar mais abrangente,

¹ As observações feitas por WHIRT(1982) evidenciam as marcas do regionalismo mineiro: contrastes sócio-econômicos, sociedade tradicional, conservadora e hierárquica. O Triângulo Mineiro representou subsistema da Tradicional Família Mineira -TFM, com amplos vínculos familiares e comerciais em São Paulo.

² Segundo o Dicionário de Direito Canônico, 1993, p.195, as Congregações devem promover a educação católica para que os princípios fundamentais sejam, cada vez mais aprofundados e conhecidos pelo povo de Deus, cultivar as vocações e oferecer aos alunos educação catequética e cuidado pastoral.

³ Cf. Revista Centenário das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo-Scalabrinianas, Edição Histórica. Dom João Batista Scalabrini escolheu São Carlos Borromeo como patrono e protetor das Missionárias Scalabrinianas por ter sido exemplo de humildade e perfeição, cumpridor de seus deveres. Foi sacerdote, bispo, secretário de Estado do Papa, cardeal e arcebispo de Milão. Faleceu em 1584 e foi canonizado em 1610 pelo Papa Paulo V.

interpretando suas implicações e transformações na comunidade tijuicana e região do Triângulo Mineiro.

Portanto, para mostrar a contribuição do Colégio Santa Teresa, recuperou-se sua estruturação na sociedade da época, entendendo-se que o conhecimento veiculado por ele possibilitou, a partir da interpretação relacional com essa sociedade, dar-lhe sentido histórico.

Entre a macro e a micro estrutura, situa-se a possibilidade de dar vida e intensidade à história do Colégio, conferindo aos seus diversos personagens: diretoras, professoras, professores, alunos, alunas e demais membros da comunidade a condição de sujeitos e demarcando a contribuição de cada um para sua construção histórica, no espaço de tempo delimitado neste estudo.

Assim, para construir um discurso capaz de traduzir, com aproximação, toda complexidade do Colégio, exigiu-se referencial teórico metodológico capaz de problematizar e redimensionar o espaço e o tempo para dar identidade e razão de ser à instituição.

A memória nem sempre é por inteira resguardada ou registrada, devido à rotatividade de seus atores ao longo da história. Contudo, o cotidiano do Colégio se configurou como envolvente, de múltiplas dimensões, relações de poder, de comunicação, de transmissão e apropriação do saber.

Evidentemente, esta investigação foi tecida entre a memória e o arquivo. Por meio da memória, tentou-se explicar as relações de hierarquia e valores entre as coisas e entre as pessoas. Considerou-se que, tudo o que aconteceu não foi em vão, nem tão pouco se perdeu; às vezes, permaneceu ou se transformou. Nesse sentido, os relatos orais contribuíram para a recuperação da memória de ex-alunos, professores e diretora do Colégio, que participaram do contexto educacional ora investigado. A maior parte desses relatos está repleta de representações e memórias contraditórias, mas sua interpretação pelo novo olhar da historiografia ajudou a aproximá-las do contexto escolar do Colégio Santa Teresa daquele tempo.

A Cidade

Influenciada por ideais positivistas, Ituiutaba buscou sua ascensão política, econômica e educacional. Nas últimas luzes do século XIX, amanhecer do século XX, o Arraial de São José, “corrutela” de casas cobertas de telhas e choupanas de sapé, sem nenhuma organização espacial planejada, transformou-se em Vila Platina.

A Vila apresentava significativo avanço no comércio e na pecuária, o que estimulava a necessidade de emancipação política. Da mesma forma, a criação do Município de Vila Platina, que rompeu politicamente com a cidade do Prata, Minas Gerais, estabeleceu novos desafios para o povo e a cidade: o progresso⁴. Muitas eram as

⁴ Cf. publicado da Revista Centenário de Ituiutaba, a libertação política de Ituiutaba da cidade do Prata trouxe consequências positivas para o município: pontes, estradas, cemitério, iluminação, jardins, canalização de água e outros benefícios.

expectativas: construção de pontes e estradas; execução de projeto urbanístico e paisagístico; criação de regimento; e reestruturação dos limites com outros municípios.

No início do século XX, foi criado o município de Vila Platina, especificamente pela Lei 319 de dezesseis de setembro de 1901. E na efervescência das idéias republicanas, tomou posse a primeira Câmara Municipal dos vereadores, motivo que reuniu muitas autoridades importantes dos municípios vizinhos; expressão de relevante avanço político para a época. Avanço esse que influenciou muitos aspectos, inclusive a verificação e redefinição dos limites de Ituiutaba com os municípios vizinhos.

Ficou evidente, durante a pesquisa, o esforço político para conseguir proliferar os ideais republicanos em Vila Platina, sobretudo o compromisso em legitimar o novo regime com o povo. Também é possível perceber que o imaginário republicano esteve presente naquele momento de transição política em Vila Platina: o hino e a bandeira símbolos nacionalistas e a banda estimulavam o amor à Pátria. Nesse período, o orçamento da administração pública era escasso, o que comprometia, principalmente, o desenvolvimento de muitos projetos. Dizem os testemunhos que havia idéias em penca, faltava, porém, o dinheiro (Revista do Centenário de Ituiutaba, 2001). Percebe-se significativa preocupação do Poder Público Municipal com o desenvolvimento urbano, materializada em medidas adequadas: defesa da urbanização, de construções e loteamentos. Nesse sentido, destacou-se Pe. Ângelo Tardio Bruno pela participação no processo de crescimento e urbanização da cidade⁵. Trabalhou como engenheiro, tentando organizar o espaço geográfico da cidade, traçando as primeiras ruas e construindo as primeiras casas, mas, “necessariamente” cumprindo sua tarefa de cuidar da alma e da religião e também do cultivo de suas terras.

Retorna-se aqui a idéia de que a gênese e a consolidação da cidade se configuraram sob a influência da Igreja Católica. Ao longo dos anos, observou-se a intensidade e solidez do trabalho desenvolvido por ela, considerando a tabela abaixo:

Tabela 1 - População de fato, por religião no município de Ituiutaba - 1940

Católicos romanos	32.863
Protestantes	321
Ortodoxos	55
Total	33.239

FONTE: IBGE: Censo demográfico, 1950. Minas Gerais: TOMO I, parte XIII, p.80

Os dados apresentados vêm confirmar a hipótese inicial de que a Igreja influenciou, de forma decisiva na construção da cidade e, possivelmente, no desenvolvimento do

⁵ Cf. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, XXV Volume, Rio de Janeiro, 1959, p.305, com a chegada do Pároco Ângelo Tardio Bruno, o povoado tomou novos rumos, contando a freguesia em 1890, com 5067 habitantes.

processo educativo, assunto que ocupará as discussões deste estudo.

Desde o início, os moradores de Vila Platina utilizavam um dos meios de transporte mais rústico e comum a todos: o carro de boi; sustentou, durante décadas, as idas das famílias e dos fornecedores do Arraial aos centros mais avançados de Uberaba e Uberabinha, hoje Uberlândia.

No Triângulo Mineiro, as vias de transporte, durante quase cem anos (CHAVES, p.111) não constituíram preocupação para o poder público. Cada fazendeiro, de acordo com suas possibilidades, abria estradas e construía pontes para facilitar o acesso aos centros mais avançados. Essas vias, encurtamentos, com o tempo, transformaram-se em estradas comuns aos vizinhos e aos centros importantes e distantes. Essa situação permaneceu até a chegada da ferrovia Mogiana em São Pedro de Uberabinha hoje Uberlândia, próxima a Uberaba, o grande centro de ligação comercial com Goiás, parte de Mato Grosso e todo o Triângulo Mineiro. A partir de então, a região introduziu-se na economia nacional: *Nesse contexto, o Triângulo Mineiro passa a fornecer cereais, principalmente arroz e milho ...* (SOARES, 1995, p.54). Estrategicamente bem localizado, o Triângulo Mineiro tornou-se um dos maiores circuitos mercantis do Brasil.

A população não dispunha de recursos modernos, e, nas ruas sem calçamento, viam-se farmácias, casas comerciais, casebres, ranchos de palha e pau-a-pique e o tradicional Largo da Matriz; espaço da vida social tijuana, principalmente após a construção do primeiro Jardim Público, freqüentado por moças e rapazes do pequeno povoado.

Sem fugir à tradição das cidades interioranas, Ituiutaba mantinha, no Largo da Matriz, estabelecimentos comerciais, onde pessoas comuns e as consideradas *influentes* se reuniam diariamente, tornando-se protagonistas das mais diversificadas *histórias* contadas pela cidade.

É nesse contexto que, Vila Platina foi levada a termo jurídico com o atual nome de Ituiutaba em 1915, ano que demarcou muitas mudanças no município. O topônimo "Ituiutaba", etimologicamente, significa: I (rio), TUIU (tijuco, lodoso, sujo) e TABA (cidade). Portanto, assim criado por estar a cidade situada às margens do rio Tejuco.

Nota-se também nesse período que, rompendo dificuldades, a cidade buscou seu desenvolvimento, como por exemplo, a circulação de vários jornais (apesar de efêmeros), a chegada do primeiro automóvel, a primeira projeção cinematográfica, o primeiro congresso das autoridades municipais do Triângulo Mineiro. Além desses, muitos outros fatores colaboraram para que Ituiutaba se destacasse dentre as mais recentes cidades do Triângulo Mineiro.

Nos anos vinte, configuraram-se, pela expectativa da população e do poder público em relação ao desenvolvimento da cidade, principalmente as atividades comerciais e agrícolas. Considera-se que a pequena população, com pouco mais de duas mil pessoas na zona urbana, dependia sobremaneira do trabalho rural, e as terras férteis e extensas produziam gêneros essenciais para o desenvolvimento da economia e do comércio da cidade.

Notou-se movimento ascendente, relativamente consistente, no comércio, com a instalação de farmácia, padaria, hospedaria e armazéns e, posteriormente, da máquina de beneficiar algodão e pequena indústria de cereais. Aspecto relevante desse período é que a economia girava em torno da pecuária; possivelmente, a principal atividade comercial da época, antes da ascensão da agricultura.

No aspecto econômico, após a Revolução de 1930, o surto de garimpagem de diamantes expandiu-se em algumas cidades mineiras, como Estrela do Sul e outras. Ituiutaba também teve sua participação, instalando muitas cascalheiras ao longo do rio Tijuco constituindo-se em um dos agrupamentos significativos dessa atividade. Apesar da efemeridade, contribuiu para o aumento da população e, sobretudo, para a intensificação da agricultura, da pecuária, do comércio, da indústria, especificamente, o alargamento da lavoura mecanizada, em conseqüência da extraordinária fertilidade do solo, característica que elevou Ituiutaba às melhores condições econômicas.

Além de terras apropriadas, Ituiutaba contava também com a facilidade de preparação do plantio em extensas faixas planas; o que resultou no salto do plantio rudimentar ao processo mecanizado do cultivo de cereais. Por um lado, o povo envolvia-se com picuinhas políticas e, por outro, o poder público, comerciantes e industriais buscavam gerir meios para o crescimento do município; o que demarcou, nos anos quarenta, sinais de avanço tecnológico com a instalação e consolidação de empresas, estabelecimentos comerciais e fábricas. Nota-se que, no âmbito educacional, também houve relativo crescimento, apesar de que as condições da época eram muito precárias:

Seguindo a tradição de um ensino mais formativo, emergiram outras escolas importantes, como o Colégio Santa Teresa (objeto de estudo desta pesquisa), o Colégio São José e outros colégios estaduais.

De modo geral, a população tijuicana, bem como as autoridades políticas e educacionais da época reconheceram o progresso educacional firmado até os anos 40, tanto no âmbito público, como particular.

Nesse sentido, o Colégio Santa Teresa assumiu papel relevante para a sociedade, uma vez que suas diretrizes teórico-pedagógicas fundavam-se nos programas oficiais, o que garantia crescimento intelectual e cognitivo do aluno, e, sobretudo orientadas nos princípios scalabrinianos, que perpassavam todos os outros Colégios e Instituições da Congregação Scalabriniana.

O Colégio Santa Teresa é o segundo a ser fundado pela Congregação das Irmãs de São Carlos Borromeo-Scalabrinianas, pertencente à Província⁶ Nossa Senhora Aparecida, em São Paulo. É importante compreender também que a expansão da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo-Scalabrinianas ocorreu ao longo de cem anos, especificamente a partir dos anos trinta do século XX. Até então,

⁶ Cf. o Dicionário de Direito Canônico, Loyola, 1993, Província é o conjunto de casas, erigido canonicamente pela autoridade legítima, que forma parte imediata de um instituto, sob o mesmo Superior. Não é necessário que as casas estejam num mesmo território. Equiparam-se às províncias outras divisões do instituto, se o Superior das mesmas depende diretamente do Superior Geral.

a Congregação dividia-se em duas Províncias: a de São Paulo e a do Rio Grande do Sul. Com a instalação da sede do Governo Geral na Itália, a expansão tomou a dimensão de outros continentes e outros estados brasileiros e criou a Província Nossa Senhora de Fátima, nos Estados Unidos da América; a Província São José, na Itália; a Província Cristo Rei, no Rio Grande do Sul; a Província Maria, Mãe dos Migrantes, no Mato Grosso.

A chegada dessa congregação ao Brasil ocorreu por volta de 1895¹, com a vinda das primeiras Irmãs Missionárias que, orientadas pelo bispo italiano Dom João Batista Scalabrini, tinham como principal objetivo assistir os migrantes tanto no aspecto social, como espiritual e religioso. Com esse propósito, fundaram o Instituto Cristóvão Colombo em São Paulo. A atuação scalabriniana, imbuída desses objetivos, inicialmente, abrangeu os estados do sul do país e, posteriormente, expandiu-se para outras regiões brasileiras, visando atender inúmeros compatriotas marcados pelas precárias condições de vida. A obra abrangeu a construção de escolas e orfanatos.

Desse modo, para compreender como essa Congregação originou-se no Brasil, fez-se necessário recuperar o cenário sócio-político em que a Itália se inseria no final do século XIX, sobretudo, entender como viviam os migrantes na América, especificamente no Brasil, bem como visitar o processo de romanização da Igreja no Brasil.

Posteriormente à descoberta da América, o Velho Mundo expandiu-se e os homens redesenharam os continentes. Nesse sentido, a Itália ficou prejudicada, principalmente pela decadência das repúblicas marinhas. É nesse contexto que a Europa invadiu o Novo Mundo, tentando dominá-lo, acumular riquezas e demarcando o advento da Revolução Industrial. Portanto, foram muitas razões que levaram os italianos a procurarem outros países, especificamente a Terra Prometida: o Brasil. Dentre elas, sobressaem-se três: as grandes transformações econômicas e sociais, as mudanças no processo de trabalho e a obrigatoriedade do serviço militar. Percebeu-se que a Revolução Industrial, em relação à mão-de-obra especializada, exigia novo tipo de trabalhador, mais qualificado, e, ao mesmo tempo, não garantia emprego para todos.

Outras questões, de ordem natural e político-social, contribuíram para o estado de caos da população europeia. Por volta dos primeiros anos do século XX, os países europeus organizavam-se em sociedades predominantemente rurais e, na Itália especificamente, era permitido àqueles que não tinham terra utilizar terrenos municipais ou propriedades da Igreja para atividades de sustento. O povo encontrava-se em precárias condições financeiras; excessivas taxas, impostos e encargos eram cobrados, além da "taxa especial" sobre a produção de farinha; o não pagamento desses tributos incorria no confisco das pequenas propriedades.

Impulsionar a emigração, naquele momento, funcionava, segundo TRENTO, como "válvula de escape para a paz social", fator que descaracterizava qualquer interesse por

CL As reflexões relativas à Congregação das Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas no Brasil centram-se basicamente nas abordagens apresentadas pela Revista do Centenário das Irmãs Scalabrinianas no Brasil (1895-1995)- Edição I Histórica.

parte do governo italiano em impedir o êxodo avassalador de seus compatriotas.

A história evidencia que o marco zero da emigração ocorreu, mais precisamente, na segunda metade do século XIX, com o processo de transmigração que levou aproximadamente 60 milhões de europeus para outros países. O Brasil chegou a ocupar o 3^o lugar no fenômeno imigratório. Nesse sentido, a imigração e a europeização, no Brasil, passaram a integrar os debates cotidianos da classe hegemônica, à medida que se percebeu a consolidação da abolição dos escravos e a possível extinção do tráfico negreiro.

O fato é que, a produção cafeeira, principal fonte de renda do país, necessitava urgentemente de uma emigração voltada para a lavoura, conforme apresenta BONI (1987, p.80): *O Estado e a sociedade buscaram a Itália, com o objetivo de realizar duas necessidades, o fornecimento de mão-de-obra para a lavoura e a ampliação do mercado para o café*. Evidentemente, existiram profundas relações culturais e diplomáticas entre a Itália e as Américas e, em particular, com o Brasil. Certa preferência pelo Brasil é notável porque, diante do cenário mundial, apresentava-se como imenso cofre natural a ser explorado.

Considerando esses aspectos, pode-se afirmar que o fenômeno da imigração no Brasil exerceu papel relevante na estrutura colonialista, bem como teve significativa influência na formação da população do sul do país, na indústria, na agricultura e no comércio.

Uma vez na Nova Terra, esperava-se recepção mais calorosa, mas a realidade delineada, a cada dia, se distanciava das possibilidades de uma vida diferente da que estavam a fugir. Empregar-se imediatamente nem sempre ocorria e isso fez com que muitos emigrantes vagueassem, principalmente pelas ruas de São Paulo, ou se amontoassem em hospedarias, onde aguardavam chance de trabalho.

Diante dessa situação caótica, vislumbraram com relevância o trabalho e a intenção de João Batista Scalabrini, fundador da Congregação Scalabriniana na Itália. Scalabrini, ao dar início às atividades em prol do imigrante, não buscava apenas manter e cristalizar a fé entre os colonos em outros países, mas, sobretudo, proporcionar o crescimento social e político entre eles. Seu trabalho configurava-se no binômio: catolicismo e italianidade.

De qualquer modo, para que esses objetivos se concretizassem, a assistência religiosa seria essencialmente o ponto de partida. Assistir religiosamente o povo sofrido, de certa forma rude e ignorante, sedimentaria a catolicidade e a religiosidade; sobretudo formaria histórica e culturalmente uma nova Itália em outro continente. Diante dessa estrutura, o risco de enriquecer-se materialmente e empobrecer-se espiritualmente seria menor. Fica evidente o fato de que a Igreja estava, constantemente, tentando realizar projeto de evangelização e educação por meio das congregações, tanto em suas obras assistenciais, como em suas práticas educativas, uma vez que essa era uma das diretrizes do projeto de restauração do catolicismo.

Na tentativa de concretizar seus ideais, Scalabrini materializou-os em sua obra, o Instituto de Patronato Italiano Cristóvão Colombo, a Associação e posteriormente as

missões. Contava com, além de leigos, a participação intensiva do clero, que ofereceu sacerdotes em quantidade suficiente para as futuras missões. Scalabrini, motivado por esses objetivos, instituiu a Congregação para assistir os irmãos italianos na América, norteado por princípios que traduziam a essência de seu trabalho:

Art.1^o.- A congregação tem por finalidade promover a assistência, especialmente espiritual, dos emigrados, máxime nas Américas.

Art.2^o.- Podem-se agregar sacerdotes e leigos .

Art.3^o.-Os sacerdotes se dedicam à assistência espiritual dos emigrados, e praticam a caridade para com eles procurando, enquanto é possível, também seu bem-estar social e econômico.

Art. 4^o.- Os leigos estão a serviço do bom andamento da casa, e auxiliam os missionários no exercício de suas tarefas. Aqueles que, dentre eles, forem julgados idôneos, são destinados à instrução e ao ensino da catequese.

(SCALABRINI,1979,p.132)

O Instituto Patronato Cristóvão Colombo buscou intensamente atender as três questões básicas para a sobrevivência das colônias italianas: manter e cristalizar a fé entre os colonos no Brasil e outros países, proporcionando-lhes assim o crescimento social e político.

Com esse fim que as Irmãs Missionárias São Carlos Borromeo Scalabrinianas chegaram ao Brasil há quase um século e desenvolveram sua obra em orfanatos, institutos e instituições educativas; assunto esse que ainda será retomado.

Outro aspecto de interesse para este estudo é o processo de romanização da Igreja no Brasil, visto que a criação e consolidação do Colégio Santa Teresa ocorreram quando a Igreja Católica atuava na tentativa de recuperar a catolicidade brasileira e de se firmar com a imigração de congregações estrangeiras e a instalação de suas respectivas escolas. Nesse momento, a “Igreja Nova” impôs-se, enfatizando a doutrinação de caráter clerical, em detrimento da velha Igreja vinculada ao mundo devocional e leigo.

Percebeu-se que a Igreja passou a representar um modelo paralelo ao Estado, ambos compartilhando os mesmos ideais. Nesse mesmo sentido, a Igreja Romana assumiu postura antiliberal diante dos Estados Modernos que lutavam contra o absolutismo dos antigos regimes. É evidentemente esse modelo que a Santa Fé “pretendia” implantar no Brasil. De certo modo, ia ao encontro dos objetivos da política monárquica e buscava conduzir, mais uma vez, o clero para o interior das igrejas. Assim, emergiu, dessa confluência de ideais, o movimento dos bispos reformadores, com a participação efetiva de religiosos europeus momento em que chegaram ao Brasil várias ordens religiosas. Tais religiosos tinham como objetivo primeiro substituir, gradativamente, o tradicional catolicismo luso-brasileiro pelo catolicismo romano, enfatizando a doutrina

e a prática sacramental. Essa tarefa seria posteriormente materializada por meio da instituição de colégios e inúmeras igrejas e paróquias orientadas por eles.

O Brasil passava por período de transição: diversificação das classes sociais, ascensão burguesa, laicização do ensino, casamento civil, secularização dos cemitérios, maçonismo extremista e fluxos migratórios. Um processo que, do ponto de vista ideológico, significava ruptura com os princípios da Igreja: era o início da modernização. De todo modo, afastar-se da realidade seria bom para a Igreja.

Exatamente nesse momento, notou-se a presença de novas congregações femininas no Brasil, cujas atividades se expandiam por amplas regiões do país; além de colégios, hospitais e obras assistenciais, a Congregação das Irmãs Scalabrinianas de São Carlos Borromeo foi criada.

Toda instrumentalização usada no Projeto de Romanização teria sentido, se a Igreja dispusesse de recursos humanos preparados para as frentes de trabalho; o número de sacerdotes, tanto diocesanos quanto religiosos, era reduzido. Portanto, a Igreja, por meio das congregações religiosas, implementou a abertura de seminários e empenhou-se em coligar às mais variadas forças para que a meta se cumprisse.

De qualquer modo, a Igreja defendeu-se de outras religiões e de outras questões, utilizando-se da imprensa católica: revistas, jornais, livros, folhetos de cunho evidentemente doutrinário e catequético.

No momento em que a Constituição de 1891 proibiu o Ensino Religioso nas escolas públicas, a Igreja se armou com uma rede de escolas, umas pagas outras não, para atender, em larga escala, às classes mais abastadas – as camadas que, de certo modo, davam suporte aos trabalhos da Igreja. O ensino confessional particular expandiu-se em consequência dos aspectos citados e da ineficiência da rede pública, quanto à oferta de vagas.

Essas escolas e colégios mantinham relação acirrada com a classe dominante e, portanto, ofereciam ensino mais propedêutico, legitimando o dualismo educacional que, ao longo da história, se evidenciou: uma escola para os que pensam, outra para os que trabalham.

A Igreja já mantinha colégios no Brasil antes e durante a República, dada a abertura que o contexto da modernização lhe proporcionou. Conforme análise a respeito da presença da igreja na sociedade brasileira, evidenciaram-se algumas atividades: em um primeiro momento, a ação educacional jesuítica com a criação e consolidação de escolas (1890 - 1918); ensino eminentemente catequético e em seguida várias congregações aqui chegaram.

Nos anos 20 do Século XX, novo movimento despontou-se: a Restauração Católica no Brasil, coordenado pelo episcopado com a contribuição das mais diversificadas ordens religiosas; a Igreja tentava reafirmar sua presença na sociedade.

Dentre as alternativas implementadas para a realização desse movimento, ressalta-se uma: o reforço à educação católica por meio da fundação de associações, especificamente a Associação dos Educadores Católicos, como também a publicação de obras religiosas.

Os religiosos, convictos de seus propósitos, combatiam firmemente os princípios liberais, defendidos por Anísio Teixeira e expressos no Manifesto dos Pioneiros, no qual se defendia a escola pública e laica. A criação das faculdades e universidades católicas nesse contexto, também fez parte do projeto de restauração da Igreja no Brasil.

A mentalidade católica no Brasil, nesse período, defendia o trabalho assistencialista, estimulando-o e combatendo todos os ideários que viessem, de alguma forma, significar transformação no quadro social, principalmente o comunismo. Nessa perspectiva, o Concílio Plenário Brasileiro, em 1939, demarcou o ápice da romanização da Igreja no Brasil, firmando-se nos princípios tridentinos e ultramontanos. Segundo AZZI (1977, p.66), *a religião deve constituir um elemento de ordem na nação, em face dos movimentos considerados anárquicos*. Portanto, o episcopado desejou criar uma nova imagem da Igreja e além do apoio de colégios religiosos muitos eventos foram implementados em função da Restauração. Dentre eles, a criação da Revista Ordem e a Criação do Centro Dom Vital mobilizaram a intelectualidade católica no Brasil.

A história da Congregação Scalabriniana é uma história de imigrantes. Nasceu no Brasil, com a chegada de seu co-fundador Pe. Marchetti que, após longos dias acompanhando seus compatriotas, presenciou cenas subhumanas que o levaram a fundar o primeiro orfanato Cristóvão Colombo, em São Paulo, em 1895; marco inicial das atividades scalabrinianas no Brasil. Acolhia-se o órfão com o objetivo de dar formação religiosa, educacional, orientação profissional e, sobretudo afetividade. Para auxiliá-lo na densa missão do orfanato, buscou, na Itália, Irmãs que se dedicaram a realizar a obra.

Desse modo, o Orfanato lançou a pedra fundamental do trabalho ao abrigar os primeiros órfãos, abandonados durante a migração nas fazendas de café, e muitas crianças negras vítimas da escravidão.

No âmbito educacional, a Província Nossa Senhora Aparecida iniciou seus trabalhos mais tardiamente e, ao longo dos anos, fundou sete escolas que constituem centros geradores de cultura e ação pastoral.

O Colégio Santa Teresa: ensino confessional em Ituiutaba

O Colégio Santa Teresa inserido em contexto de famílias tradicionais e abastadas, procurou transmitir um ensino tradicional e propedêutico por meio da prática educativa scalabriniana. Nesse sentido, recorreu-se à história oral por meio da coleta de depoimentos de ex-alunos, professores e diretora, o que permitiu fazer interpretação dos pontos de vista dos atores que povoaram o universo do Colégio Santa Teresa no período de 1939 a 1942. Confrontando essas informações com outras documentais e iconográficas, foi possível construir o percurso histórico do Colégio.

Ao iniciar as atividades educacionais da Congregação Scalabriniana por meio do Colégio Santa Teresa, em Ituiutaba, a questão imigratória⁸ não estava em evidência,

⁸Cf. Recenseamento Geral do Brasil, Série Regional Parte XIII, Minas Gerais, TOMO 2, Rio de Janeiro, 1950, a população de Ituiutaba em 1940, contava com 18 brasileiros naturalizados, 145 estrangeiros dentre os quais apenas 15 eram italianos. Dado esse que sumariamente não justificaria a instalação do Colégio em Ituiutaba para cuidar da questão imigratória.

segundo depoimento de NEGRIZZOLO (2002). Contudo, as Irmãs, imbuídas dos ensinamentos católicos, empenharam-se em participar dos problemas sociais que envolviam a comunidade carente da cidade. Assumiram o compromisso de acolher e promover os pobres e necessitados. Ao visitar as famílias, as scalabrinianas descobriram trinta e três tuberculosos e, a partir de então, passaram a assisti-los com medicamentos e alimentos. NEGRIZZOLO tinha, como idéia inicial, construir uma escola para os filhos das famílias mais carentes do bairro, porém, em parceria com a comunidade escolar e suas famílias, resolveu construir o Sanatório *Mãe de Deus*, espaço de recolhimento para doentes; onde os tuberculosos foram tratados e assistidos.

Já algum tempo, o Papa Leão XIII⁹ havia decretado que os religiosos se dedicassem ao serviço social. Assim, as Irmãs do Colégio Santa Teresa, com a ajuda dos padres do Colégio São José, fundaram o Centro Social Leão XIII na vila Natal, em Ituiutaba. Realizaram trabalho em favor não de imigrantes, mas de trabalhadores que perderam seu espaço de trabalho no campo, em função da substituição da prática agrícola pela pecuária, o que provocou o êxodo rural. Sem qualquer qualificação para o trabalho, esses trabalhadores, desempregados, ocuparam a zona periférica da cidade, de precárias condições e sem nenhuma infra-estrutura. A vila Natal foi escolhida para desenvolverem as atividades sociais do Colégio; ainda em efetivo exercício. O trabalho, nesse Centro, desde sua fundação, como projeto de missão apostólica, preocupou-se com o desenvolvimento, com dignidade, da criança e do jovem; seres de direitos humanos. NEGRIZZOLO (2002) tinha também a meta de construir quarenta casas para as famílias mais carentes da vila, porém, como os recursos financeiros eram escassos, foi possível apenas a construir quatro, doadas posteriormente aos pobres.

A Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo - Scalabrinianas foi convidada pelo bispo Diocesano de Uberaba e a pedido do padre Fortunato Morelli, a instalar, em Ituiutaba, um colégio para atender às crianças tijucanas.

Pressupõe-se que o Colégio Santa Teresa tenha se instalado em Ituiutaba em 1939, por duas razões básicas: para atender às classes sociais referidas acima e solidificar, cada vez mais, a fé católica na cidade, trabalhando com alunas internas que, posteriormente poderiam se despertar para a missão da Congregação.

Naquela época, Ituiutaba vivia situação privilegiada em relação ao seu desenvolvimento agrícola, motivo que a consagrou Capital do Arroz. Os dados evidenciam produção relevante, que se destacou no cenário econômico de Minas Gerais e se estendeu às duas décadas seguintes.

Esse fator, dentre outros, é responsável pelo crescimento populacional¹⁰ e

⁹ O Papa Leão XIII foi considerado o primeiro dos modernos, pois em seu pontificado muitas características da Igreja da atualidade foram pontuadas, como a renovação bíblica, o movimento litúrgico e o desenvolvimento do ensino social. Em suas encíclicas mostrou a natureza e os limites reais da liberdade humana e estabeleceu os deveres da cidadania cristã. Cf. NOVA ENCICLOPÉDIA CATÓLICA: O ensinamento moral e social da Igreja, Rio de Janeiro, PUC, Editora Renes, 1969.

¹⁰ Cf. informações do IBGE, Recenseamento Geral de 1940, publicado na Série Regional Parte XIII, Minas Gerais, TOMO II, Rio de Janeiro de 1950, a população de Ituiutaba nos anos 40, era de 35.052 habitantes.

conseqüentemente pelo desenvolvimento e pela urbanização de Ituiutaba. Outro dado interessante é que, nessa época, trecho do rio Tijuco foi desviado, viabilizando assim o garimpo de ouro e diamante; fator que atraiu pessoas de várias regiões, contribuindo para o crescimento do comércio e da indústria no município.

No final de 1938, Pe. Fortunato Morelli¹¹, vigário da Igreja Matriz São José, dirigiu-se à Província Nossa Senhora Aparecida, em Vila Prudente, São Paulo, para solicitar à Madre Borroméia Ferraresi, Supervisora Geral da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo-Scalabrinianas, a instalação de um colégio para atender a infância e a juventude da cidade. Essa iniciativa contou com o apoio do Pe. Conrado Stefani, Missionário de São Carlos Borromeo¹², e de Dona Olegária Ribeiro Chaves¹³, que muito se preocupava com a formação educacional tijuicana. Dona Olegária era proprietária de pequena escola denominada Menino Jesus de Praga, que, por falta de docentes qualificados, fora desativada. Ela não pretendia deixar as crianças de Ituiutaba descobertas de orientação religiosa e moral e formação educacional.

Os documentos demonstram que a escola Menino Jesus de Praga, foi transferida para o Colégio Santa Teresa, levando consigo a maioria de seus alunos, advindos de famílias eminentemente católicas. O número de famílias católicas naquela época, como demonstram os dados contidos na **Tabela 1** era relevante.

Segundo os depoimentos, houve empenho de Dona Olegária Ribeiro Chaves, mulher eminentemente religiosa, em garantir às crianças tijuicanas a formação religiosa e moral e, sobretudo, preocupou-se com o futuro Curso Normal para formar as moças que seriam as futuras professoras da cidade. O documento evidencia sua intenção que posteriormente, veio se consolidar com a autorização do curso Normal no Colégio Santa Teresa, em 1955. A Congregação Scalabriniana não só atendeu à solicitação do vigário, com o também visitou Ituiutaba, na pessoa da própria Superiora Geral, para averiguar o local e as condições de funcionamento do futuro colégio. Após todos os ajustes e acertos, chegaram à Ituiutaba três Irmãs para iniciarem os trabalhos escolares do ano letivo de 1939. O depoimento de NEGRIZZOLO (2001) mostra que os dois primeiros meses da fundação do Colégio foram de adaptações, tanto sociais como materiais, no movimento social da cidade.

A casa destinada ao funcionamento do Colégio ainda estava ocupada pela Prefeitura. Rapidamente, foram feitas reformas e adaptações e as Irmãs instalaram-se e começaram a fazer matrículas domiciliares. Somando-se a essas matrículas os egressos do Colégio Menino Jesus de Praga, o Colégio iniciou suas atividades escolares com aproximadamente sessenta alunos; sete eram internas. As internas estudavam e auxiliavam as Irmãs nas funções domésticas.

¹¹ Pe. Fortunato Morelli, membro da Congregação Estigmatina, nasceu em 29/05/1895 em Sivezzano, Itália. Morreu em Campinas, São Paulo em 1980.

¹² Pe. Conrado Stefani era Missionário de São Carlos Borromeo, portanto compilava os ideais scalabrinianos que tinham como missão cuidar dos migrantes e orientá-los para vida melhor, mais justa e solidária.

¹³ Dona Olegária Ribeiro Chaves nasceu em Campina Verde, Minas Gerais, em 1893. Foi aluna da 1ª turma de normalistas do Colégio Nossa Senhora das Dores, em Uberaba, Minas Gerais. Faleceu em Belo Horizonte, Minas Gerais em 1962.

Pelos documentos consultados, o Colégio Santa Teresa iniciou seus trabalhos da forma mais rudimentar possível. O mobiliário escolar e a biblioteca foram cedidos por Dona Olegária Ribeiro Chaves.

As adaptações possibilitaram a ampliação do Colégio a cada dia, segundo os escritos de NEGRIZZOLO (2001): ... *a escola progredia, os alunos aumentavam. Era necessário desmanchar as paredes para aumentar os dormitórios para o internato em regime de família, o que tornava agradável a convivência e supria as carências do ambiente muito primitivo.* À medida que o cotidiano educacional, religioso e, até mesmo familiar, se fazia no Colégio, as Irmãs conquistavam seu espaço junto às famílias. O número de alunos crescia a cada dia. NEGRIZZOLO (2002) também relata que, mesmo famílias não católicas matriculavam seus filhos porque atribuíam às Irmãs competência para ensinar; mais especificamente alfabetizar porque, no início, funcionaram as primeiras séries.

Conforme os escritos de NEGRIZZOLO (2001), o espaço físico já não era suficiente para atender à demanda e o Colégio precisava urgentemente ser ampliado. Pequenas reformas foram feitas, transformando os espaços inadequados em salas de aula e quartos para o internato, motivo de interação e cooperação entre família e escola, objetivando oferecer mais conforto e estabilidade às Irmãs que não estavam acostumadas com aquele estilo tão rudimentar de se viver. As alunas, em seus sonhos, também incluíam o melhoramento do prédio onde estudavam. Afinal, estudar no Colégio Santa Teresa não era para qualquer menina, mas para aquela cuja família, pudesse pagar, o que é possível observar com o depoimento de CARVALHO (2001):

Tanto as meninas internas como os alunos externos pagavam. As internas eram filhas de fazendeiros... O Colégio das freiras não cobrava mensalidade barata. O ensino era muito bom e todos os pais queriam que seus filhos estudassem lá para ter formação religiosa.

Os depoimentos demonstram que as Irmãs não tinham recursos financeiros suficientes para a ampliação do espaço físico do Colégio, mas a comunidade tijuicana empenhou-se, sobremaneira, para que novo prédio fosse edificado. Grupo seletivo de senhoras, preocupadas com a formação religiosa e educacional tijuicana, juntou-se em função da questão.

A nova construção para o Colégio contou com a colaboração da sociedade tijuicana, mas principalmente dos padres Estigmatinos que, em 1940, fundaram o Colégio São José para atender os meninos que estudavam no Colégio Santa Teresa; o Colégio das Irmãs dedicou-se às meninas e o Colégio dos Padres, aos meninos. A construção projetada pelo Engenheiro Guilherme Gurilhing buscou materializar, em cada elemento da composição arquitetônica, concepções, valores e preocupações daquela sociedade; sobretudo, a sacralidade e as condições pedagógicas.

Pelos documentos consultados, o Colégio Santa Teresa iniciou seus trabalhos da forma mais rudimentar possível. O mobiliário escolar e a biblioteca foram cedidos por Dona Olegária Ribeiro Chaves.

As adaptações possibilitaram a ampliação do Colégio a cada dia, segundo os escritos de NEGRIZZOLO (2001): *... a escola progredia, os alunos aumentavam. Era necessário desmanchar as paredes para aumentar os dormitórios para o internato em regime de família, o que tornava agradável a convivência e supria as carências do ambiente muito primitivo. À medida que o cotidiano educacional, religioso e, até mesmo familiar, se fazia no Colégio, as Irmãs conquistavam seu espaço junto às famílias. O número de alunos crescia a cada dia. NEGRIZZOLO (2002) também relata que, mesmo famílias não católicas matriculavam seus filhos porque atribuíam às Irmãs competência para ensinar; mais especificamente alfabetizar porque, no início, funcionaram as primeiras séries.*

Conforme os escritos de NEGRIZZOLO (2001), o espaço físico já não era suficiente para atender à demanda e o Colégio precisava urgentemente ser ampliado. Pequenas reformas foram feitas, transformando os espaços inadequados em salas de aula e quartos para o internato, motivo de interação e cooperação entre família e escola, objetivando oferecer mais conforto e estabilidade às Irmãs que não estavam acostumadas com aquele estilo tão rudimentar de se viver. As alunas, em seus sonhos, também incluíam o melhoramento do prédio onde estudavam. Afinal, estudar no Colégio Santa Teresa não era para qualquer menina, mas para aquela cuja família, pudesse pagar, o que é possível observar com o depoimento de CARVALHO (2001):

Tanto as meninas internas como os alunos externos pagavam. As internas eram filhas de fazendeiros... O Colégio das freiras não cobrava mensalidade barata. O ensino era muito bom e todos os pais queriam que seus filhos estudassem lá para ter formação religiosa.

Os depoimentos demonstram que as Irmãs não tinham recursos financeiros suficientes para a ampliação do espaço físico do Colégio, mas a comunidade tijuicana empenhou-se, sobremaneira, para que novo prédio fosse edificado. Grupo seletivo de senhoras, preocupadas com a formação religiosa e educacional tijuicana, juntou-se em função da questão.

A nova construção para o Colégio contou com a colaboração da sociedade tijuicana, mas principalmente dos padres Estigmatinos que, em 1940, fundaram o Colégio São José para atender os meninos que estudavam no Colégio Santa Teresa; o Colégio das Irmãs dedicou-se às meninas e o Colégio dos Padres, aos meninos. A construção projetada pelo Engenheiro Guilherme Gurilhing buscou materializar, em cada elemento da composição arquitetônica, concepções, valores e preocupações daquela sociedade; sobretudo, a sacralidade e as condições pedagógicas.

É notável a ligação entre os dois Colégios, ambos com objetivos bem similares: assegurar a catolicidade das famílias que lhes confiavam a educação de suas filhas e filhos e, sobretudo, despertá-los para a vocação. Transformado, em estilo moderno, o Colégio abrangeu área total de 1.820 metros quadrados: dois pavimentos na frente e três no fundo; inclusive o térreo para o refeitório, com 240 metros quadrados. O Colégio tinha capacidade para atender oitocentos alunos e abrigar duzentas internas. Foi construído em forma de U, com as instalações necessárias às exigências educacionais e no estilo religioso. O projeto permite fazer esta análise, ao compará-lo a outros colégios confessionais.

Quando o Colégio Santa Teresa foi fundado, a Província Nossa Senhora Aparecida empenhava-se em formar as professoras de suas escolas e colégios, desde o noviciado. Especializavam-se na área educacional e assim que surgia oportunidade, se dedicavam ao ensino. O período aqui tratado configura os primeiros quatro anos de consolidação do Colégio e pode-se perceber que, apesar da instalação do Colégio ter ocorrido em prédio de precárias condições, os primeiros professores foram considerados pelos depoentes, *verdadeiros mestres*, seletivo grupo com formação católica e acadêmica.

Os depoimentos sobre as primeiras professoras estão envolvidos em clima de admiração e, ao mesmo tempo, submissão ou reverência à competência religiosa, pedagógica e educacional das Irmãs. À medida que o Colégio se expandiu, duas professoras da cidade auxiliaram as Irmãs nos trabalhos. As Irmãs, formadas no pensamento de João Batista Scalabrini, primavam, em seus ensinamentos, pela formação da consciência moral do homem.

Nota-se nos depoimentos, uma educação eminentemente temerosa aos ensinamentos e princípios de Deus, trilhados na verdade e na capacidade de perdoar e viver como irmãos. As duas primeiras professoras, Irmã Filipina e Irmã Letícia Negrizollo, preocupavam-se também em oferecer ensino acadêmico, preparatório e com qualidade para possibilitar a continuidade dos estudos.

Pressupõe-se que o perfil dos educadores scalabrinianos, desde o início de sua obra, esteve em consonância com os princípios scalabrinianos, mesmo a Congregação, ao longo do tempo, vivendo crises existenciais pela divergência de carismas. Esses educadores têm sido, sobretudo, disseminadores da fé católica em suas escolas. A Congregação prepara suas professoras para serem testemunhas da fé, das concepções éticas e evangélicas. Nota-se que o Colégio, imbuído desses princípios, conseguiu despertar a confiança e a credibilidade na cidade e, por isso, a Congregação disponibilizou outras Irmãs para auxiliarem nos trabalhos educativos.

O culto da verdade de Cristo deve ser anunciado em todos os lugares e a todos: *na prosperidade e na dor, nas trevas e na luz, nos cárceres e nas cortes, à plebe e aos poderosos, em particular e em público* (FONGARO, 1998). É o combate às coisas do mundo, àquelas que ofendem os princípios de Deus e da religião. A verdade de Deus leva ao realismo e nunca ao ceticismo, por meio da fé. Um ser formado nesses princípios ama os irmãos, a pátria e a defende sempre.

Confrontando esses ensinamentos scalabrinianos e o depoimento de MENEZES (2001): *No Santa Teresa aprendemos o Hino Nacional e Hino à Bandeira também.*, fica fácil compreender que, a Congregação, ao instalar seus colégios, transpôs os objetivos compilados pelo fundador à realidade de onde foram fundados; por exemplo, como em Ituiutaba não existiam imigrantes, as Irmãs empreenderam seus trabalhos, tendo em vista as famílias mais carentes, principalmente a quem faltava trabalho. Por outro lado, aos alunos do Colégio era necessário ensinar princípios religiosos, cívicos e patrióticos. Cenário que se vislumbrava em toda a nação brasileira movida pelo sentimento de patriotismo, uma vez que o Estado Novo se consolidava politicamente.

Educar, portanto, é missão e, nesse sentido, o mestre é o exemplo. Para os depoentes NEGRIZZOLO foi educadora exemplar, tanto como professora de Português e Literatura, quanto na função de dirigir o Colégio.

Os depoimentos também demonstraram que, além de exemplares, as Irmãs adotavam prática educativa eficaz. Eram bem preparadas e apresentavam didática inovadora para Ituiutaba. O jeito de ensinar, a abrangência das aulas, os conhecimentos passados, a exigência nas lições, enfim, a competência que traziam consigo ao ensinar. *Tenho a impressão que foi escolhido um grupo bem capaz. Elas não deixavam nada a desejar.* MENEZES (2001) fez questão de esclarecer que as aulas eram bem preparadas e ensinava-se mais português e matemática e os alunos aprendiam satisfatoriamente. Aprendia-se bem a Geografia e a História; os alunos tinham noção de todo o país.

Ao analisar o primeiro livro de matrículas do Colégio, detectou-se que as Irmãs iniciaram suas atividades com sessenta alunos, entre meninos e meninas. As matrículas foram feitas por meio de visitas domiciliares, acrescidas das matrículas dos alunos egressos da escola de Dona Olegária Ribeiro Chaves. Se o Colégio representava os interesses das classes média e alta da sociedade tijuicana, entende-se o porque de se encontrarem registros, nesse livro os nomes das tradicionais famílias tijuicanas, como Bernardes, Curi, Chaves, Andrade, Martins, Pontes, Cancela, Oliveira, Vilela, Carvalho Junqueira, Franco, Gomes, Menezes, Rezende e outras. Famílias preocupadas em oferecer a melhor educação da época, em sintonia com os princípios católicos, para a formação integral de seus filhos e filhas.

As alunas internas eram sete. O internato não significava atendimento aos mais pobres, mas forma de acolher as crianças cujas famílias não queriam deixar suas terras sob o comando de outros para viver na cidade. GOMES (2001) relata: *Eram alunas do mesmo nível social, só que as internas eram de origem rural, então precisavam ser internas para estudar.* Nota-se também que, nos primeiros anos, o número de meninos matriculados em relação ao de meninas era menor.

Em relação ao uniforme, NEGRIZZOLO (2002) relata que o quis diferente. Azul e branco eram muito comuns e, por isso, outra cor ficaria mais *arrumado*, MENEZES (2001) afirma:

Na festa do patrono da Congregação, São Carlos Borromeo, usamos um uniforme bonito, de gala.

Usávamos dois uniformes: durante a semana a gente punha um aventalzinho listradinho de vermelho, manga comprida, escrito Santa Teresa. Aos domingos, todo mundo tinha que ir à missa de uniforme de gala. Era uma saia de brim grená, a blusa de seda, cor natural, manga comprida, a gravata escrita Santa Teresa. A meia fazia parte da disciplina do Colégio. Levava falta quem não usava.

O relato evidencia que era prática, no cotidiano do Colégio, festejar as datas religiosas e cívicas e que o uniforme, durante essas comemorações, impunha respeito e credibilidade diante da sociedade, inclusive porque se diferenciava dos outros; principalmente do uniforme da escola pública, comumente azul e branco.

De todo modo, as alunas e o Colégio diferenciavam-se das escolas comuns, não só em relação ao uniforme, mas também pela concepção de educação de qualidade, preparatória para a continuidade dos estudos: uma educação mais propedêutica; o que atribuía status. Os documentos consultados e, mais especificamente, os depoimentos colhidos delineiam o clima cultural dos primeiros anos do Colégio Santa Teresa. São documentos que traduzem o pensamento scalabriniano e suas diretrizes educacionais e religiosas e traçam o perfil da escola missionária, em favor dos emigrantes; o que chama a atenção porque naquele momento, em Ituiutaba, não circulava grande fluxo migratório. NEGRIZZOLO (2002) afirma:

[...] a nossa Congregação foi fundada para cuidar dos imigrantes, mas em Ituiutaba não trabalhamos com emigração, pois, em determinada época, a emigração foi proibida e, então, já não havia motivos para as Irmãs trabalharem. Foi aí que abrimos o Colégio, porque havia Irmãs formadas e já podiam trabalhar nas escolas.

Compreende-se, dessa forma que mesmo não tratando diretamente com a questão migratória, as Irmãs e sua comunidade educativa buscavam desenvolver outro tipo de trabalho social.

Percebe-se, nas entrevistas, que o currículo elucidado pelo Colégio se pautava pela preocupação de formar bem as crianças nas séries iniciais jardim ao quarto ano primário e posteriormente as moças, futuras mães e professoras. Ensinava-se Português, Matemática, Ciências, Geografia, História, Ensino Religioso, Atividades Manuais, Canto e Piano. CARVALHO (2001) afirma: *Sáimos na frente de outros colégios, na Geografia, sabíamos decorado todas as capitais do mundo.* Em Português, refere-se MENEZES (2001): *Irmã Leticia nos preparou muitíssimo bem. Prova disso é que no Colégio de Irmãs de Araguari, eu só tirava dez.* E continuou MENEZES: *... também tínhamos uma boa base de Ciências, História e Geografia, mas o enfoque*

mesmo era Português e Matemática. Além desses aspectos de ensino preparatório para o curso ginasial, perpassava o currículo a idéia de formação e crescimento humano. Crescer diante do mundo e da realidade, consciente de seus deveres religiosos, cívicos e sociais, como ensinou SCALABRINI.

Ao entrevistar NEGRIZZOLO (2002), ficaram evidentes a importância de se ensinar religião e o compromisso em disseminar os rituais da Igreja, como a ida à Capela, as orações, vigílias, as missas na Catedral aos domingos, dias santos e feriados e as comemorações. O Colégio ainda tem esse propósito. O Ensino Religioso e suas práticas compunham efetivamente o cotidiano do Colégio Santa Teresa. Confirmando a questão da religiosidade que veiculava no contexto cultural do Colégio e esclarecendo a importância desse aspecto para a formação humana, CARVALHO (2001) esclarece: ... *o que mais me marcou foi a religião. Todo sábado reunia os alunos, lia e ensinava todo o evangelho. Estudamos muito a religião e foi muito bom para minha formação. Eduquei meus filhos assim também.* Percebe-se que o clima cultural do Colégio contemplava a concepção scalabriniana, no intuito de oferecer educação mais completa e possibilitar ao homem desenvolver-se plenamente: *A educação abrange o corpo e o espírito, o coração, os afetos, a imaginação, a vontade junto ao intelecto* (SCALABRINI, 1887, p. 42).

Os depoimentos também mostraram que os primeiros alunos conseguiram, ao longo dos anos, sobressair na vida social e política da cidade e do estado. Faz-se aqui novamente uma ligação com o que ROMANELI (2001, p.157) discute em relação ao artigo 25 da Lei Orgânica do Ensino Secundário, implementada naquele momento: *Os responsáveis pela educação moral e cívica da adolescência terão em mira a formação de individualidades condutoras.* São evidentes o desejo de se despertar o sentimento pela pátria e a preocupação em formar jovens para que posteriormente pudessem conduzir a vida social e política e tomar decisões.

Assim que o Colégio São José foi fundado, os meninos foram para ele transferidos, o que, segundo NEGRIZZOLO (2002), foi um alívio: *os padres resolveram abrir a escola para os meninos, então nós passamos os nossos imediatamente, que foi lógico, um alívio, porque os dois juntos era muito difícil. ... foi um momento de muita alegria, muita satisfação.* De acordo com NEGRIZZOLO, era mais fácil educar meninas porque havia mais diálogo e liberdade. Algumas dessas meninas seguiram seus estudos no Colégio Nossa Senhora das Dores, em Uberaba. Logo após, o Colégio Santa Teresa fundou a escola Normal. Outras casaram-se com rapazes advindos de famílias tradicionais da cidade.

Quando referida, a ação educativa do Colégio é apontada como séria, responsável e severa, se necessário, mas fala-se de relação muito afetiva entre professores e entre alunos: *Havia uma liberdade, uma coisa familiar, como se nós tivéssemos em família, como se fôssemos da mesma classe; até conversava, nunca eu gritava com a professora ou com o aluno* (NEGRIZZOLO, 2002).

Fica claro que NEGRIZZOLO, ao dirigir o Colégio e ensinar as crianças, envolvia-se de afeto e a relação, aos poucos, transformava-se em forte elo familiar, de respeito e

harmonia, sem perder sua autoridade educacional.

O Colégio não transmitia apenas conteúdos específicos de cada disciplina, mas imprimia implicitamente valores, concepções e princípios que influenciaram decisivamente a vida de seus alunos. É importante também lembrar o que SCALABRINI (1882) escreveu sobre educação: *Não é suficiente ensinar. É necessário ensinar bem. É necessário que se ensine coisas verdadeiras, honestas e belas.* O depoimento de uma ex-aluna demonstra, com carinho, as coisas belas e verdadeiras apreendidas no fazer escolar e nas práticas educativas que o Colégio oferecia.

Outro aspecto que chama a atenção é a prática do silêncio, momentos de reclusão para dentro de si mesmo, um ensinamento scalabriniano que conduziu e conduz o trabalho, não só do Colégio Santa Teresa, mas de todas as instituições scalabrinianas. O objetivo é possibilitar a Deus ouvir aquele que o escuta. *O silêncio acalma, repousa, cura, consola, repara as forças, protege e anima* (SCALABRINI). Por meio desse encontro consigo mesmo, o ser humano também se educa. Nesse sentido, o educador que ouve quando Deus lhe fala, ouve seu aluno e o ajuda a ser feliz. O ritual de ir à capela do Colégio, para fazer o exercício do silêncio, era cotidiano para as internas e externas. Assim, representou e ainda representa o lugar de meditação, do encontro consigo mesmo e com Deus.

O Colégio ofereceu o jardim e o ensino primário no período investigado, preparou seus alunos e alunas para ingressarem no curso ginásial dos colégios Marden, São José ou de escolas de outras cidades. Naquele momento, nas classes das primeiras séries, era prática trabalhar com o método global. Não eram usadas cartilhas silabadas, como na maioria das escolas da cidade: *Eu me lembro de um detalhe: o livro que estudávamos era o Livro de Dalila. Era um processo novo naquela hora. Um processo direto: tinha que ler assim: O livro é de Dalila. No Grupo Escolar João Pinheiro (antigo Vila Platina), era diferente. Não aprendia-se assim: a-e-i-o-u e depois b com a ba, b com e be* (VILELA, 2001). Esse é um indicativo de que as Irmãs ofereciam um ensino diferente daquele da escola pública; prática pedagógica em que os conteúdos programáticos exigiam mais, até mesmo da família. VILELA também ressalta que, sendo sua mãe normalista, formada pelo Colégio Nossa Senhora das Dores, de Uberaba, a exigência era bem maior. Muitas moças da cidade, naquela época, estudavam nesse Colégio⁴, cuja formação era eminentemente religiosa e propedêutica. Pôde-se verificar nos depoimentos que as tarefas de casa eram cobradas pelos pais e quando as mesmas não eram cumpridas, os filhos eram punidos e as Irmãs determinavam como punição aulas de bordado e trabalhos manuais.

No arquivo do Colégio, não foi possível verificar o quadro curricular, porém os depoimentos deixaram entrever que os conteúdos mais enfocados eram Português e Matemática. Os outros conteúdos eram bem estudados e cobrados nas avaliações. Não

⁴ CÉ.MOURA, Geovana Ferreira Melo em *Por trás dos muros escolares: luzes e sombras na educação feminina*. Colégio Nossa Senhora das Dores 1940/1966. Uberaba iniciou seu processo de urbanização no início do século XX, momento em que as Irmãs Dominicanas passaram a atender alunas de outras cidades e regiões, tendo em vista seu trabalho educacional cultural e assistencial.

foi possível verificar nos documentos do Colégio os critérios usados pelos docentes em suas avaliações. Analisando os depoimentos, entrecruzando as informações, compreendendo as contradições e representações, concluiu-se que a prática avaliativa se processava de duas formas: oral e escrita, durante todos os meses do ano letivo. A entrega de boletins era bimestral, de forma que, os pais ficavam informados do desenvolvimento de seu filho durante os estudos. O bom desempenho garantia o ingresso de seus filhos nos colégios que ofereciam o curso ginásial, dando continuidade aos estudos.

A intenção aqui foi olhar o Colégio Santa Teresa em sua singularidade, sem perder de vista sua relação com o contexto no qual se inseria. As fontes, os documentos e entrevistas analisadas contribuíram para compreensão do processo de criação e consolidação da prática scalabriniana no cenário educativo em Ituiutaba.

Considerações Finais

No movimento da pesquisa, procurou-se evidenciar achados que possibilitaram apreender o processo de criação e configuração do Colégio Santa Teresa em seus quatro primeiros anos de existência, na certeza de que outras interfaces poderão ser analisadas e diferentes nuances surgiram suscitando desejos de novas investigações. Metodologicamente, definiu-se analisar as singularidades e especificidades do Colégio, inserindo-as em contexto mais abrangente, interpretando, sobretudo, seu sentido polissêmico e multidimensional.

Retoma-se aqui a hipótese inicial de que parte da sociedade tijuicana, representada pelas famílias tradicionais e oligárquicas daquela época, eminentemente católica, influenciou sobremaneira a instalação do Colégio em Ituiutaba. Por isso, dois movimentos importantes permearam este estudo: a reforma e a restauração católica. Ambos usaram religiosos e religiosas para consolidar seus projetos, por meio de escolas e colégios, instrumentos da política preventiva contra o liberalismo, disseminadores da fé católica, evangelizadores e reafirmadores da Igreja frente à sociedade brasileira. Portanto, a releitura do projeto scalabriniano possibilitou compreender a chegada da Congregação de São Carlos Borromeo-Scalabriniana no Brasil e sua expansão.

Do material analisado, depreende-se também que o Colégio Santa Teresa instalou-se em Ituiutaba em momento conflituoso no aspecto educacional, visto que as questões discutidas estavam em torno da escola pública gratuita e laica. Os colégios e escolas confessionais faziam-se instrumentos de fortalecimento da fé católica, a fim de garantirem sua permanência como referência educacional na formação da sociedade brasileira, contrapondo-se assim, ao ideário de publicização e laicização do ensino brasileiro.

Do breve histórico sobre a Congregação de São Carlos Borromeo-Scalabriniana percebeu-se que a questão imigratória há mais de século vem sendo evocada, uma vez

que seu fundador disseminou os carismas em muitos países. Porém, em Ituiutaba, o Colégio Santa Teresa não se ocupou em assistir imigrantes, porque essa situação não existia na época. Em sua ação pastoral dedicou-se aos mais carentes, desempregados e doentes. Por estar a serviço de famílias católicas e oligárquicas, sua ação educativa pautava-se em uma prática pedagógica permeada pelos ensinamentos cristãos, pelos princípios básicos da formação geral e a preparação para o prosseguimento nos estudos, enfocando principalmente o ensino da língua, os conhecimentos gerais e matemáticos, mas intencionalmente, despertava a vocação religiosa. As alunas tornaram-se professoras ou donas de casas e os alunos (poucos) seguiram seus estudos em outras instituições e formaram-se profissionais liberais, que exerceram e exercem funções em Ituiutaba ou em outras cidades. Porém, entrecruzando a intenção da proposta scalabriniana, o cotidiano, práticas e saberes do Colégio, não foi possível entrever o trabalho efetivo do carisma congregacional no Colégio, no período estudado. Sobre este aspecto evidenciado, observou-se outra missão educação propedêutica e evangelizadora sobrepondo-se ao desenvolvimento dos trabalhos com o carisma scalabriniano.

O que pôde-se confirmar é que ao longo do tempo, o Colégio Santa Teresa impôs-se à sociedade tijuicana como referência educativa; o que lhe garantiu ampliação e modernização na estrutura física e na prática pedagógica. Portanto a criação do Colégio Normal, nos anos cinquenta, veio confirmar a intenção inicial em preparar as alunas por meio da educação evangelizadora e posteriormente dar-lhes a formação docente.

Atualmente, o Colégio redimensiona seu projeto educativo junto à rede de escolas da Província Nossa Senhora Aparecida e redefine seus parâmetros educativos de acordo com os princípios scalabrinianos.

Entende-se que as reflexões e análises apresentadas, neste estudo, podem contribuir para melhor compreensão do ensino confessional no Colégio Santa Teresa, bem como suas influências no processo educativo e na formação das meninas-moças daquele tempo. O esforço em percorrer os caminhos da pesquisa não cessa aqui.

Referência Bibliográficas

ANDRADE, Mariza Guerra de. *A Educação Exilada* - Colégio do Caraça. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação*. 2^a. ed. São Paulo, Moderna, 1996.

ARAÚJO, José Carlos Souza. *A Igreja Católica no Brasil: um estudo de mentalidade ideológica*. São Paulo, Paulinas, 1986.

AZZI, Riolando. *A Igreja e os Migrantes: as migrações internas e os novos rumos da obra scialabriniana no Brasil (1951-1988)* v. IV, São Paulo, Paulus, 2000.

_____. *A Vida Religiosa no Brasil: enfoques históricos*. São Paulo, Edições Paulinas, 1983.

_____. *A Crise da Cristandade e o Projeto Liberal*. São Paulo, Paulinas, 1991.

_____. *A Neocristandade: um Projeto Restaurador*. São Paulo, Paulinas, 1994.

_____. *História da Educação Católica no Brasil: Contribuição dos Irmãos Maristas. Os primórdios da obra de Chapagnat no Brasil (1897-1922)* São Paulo, SIMAR.

_____. *O Início da Restauração Católica no Brasil 1920-1930*. SÍNTESE, Belo Horizonte, v. IV, p.61-89, 1977.

_____. *O Início da restauração católica no Brasil 1920-1930 (II)*. SÍNTESE, Belo Horizonte, No.11, p 73-101, 1977.

_____. *O Fortalecimento da Restauração católica no Brasil 1930-1940*. SÍNTESE, Belo Horizonte, v.VI, No. 17, p 69-85, 1979.

BONI, Luis Alberto. *Presença Italiana no Brasil*. s/e. Porto Alegre, STD, 1987.

BRESOLINI, Ema. *Educação: novos tempos-novos caminhos*. Caxias do Sul, MSCS, 2001.

BUFFA, Ester. *Ideologias em Conflito: escola pública e escola privada*. São Paulo, Cortez & Moraes, 1979.

BUFFA, E. & NOSELLA, P. *Schola Mater: a antiga Escola Normal (1911-1933)*. EdUFSCar, São Carlos, Editora da Universidade, 1996.

_____. *A Escola Profissional de São Carlos*. São Carlos, EdUFSCar, 1998.
CADERNOS DE EDUCAÇÃO 1996 1999, MSCS.

CARVALHO, José Murilo. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

_____. *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

CASALI, Alípio. *Elite Intelectual da Igreja*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1995.

CHAVES, Camilo. *Caiapônia*. Ituiutaba, Editora Gráfica Ituiutaba Ltda, 3ª. ed. 1998.

CHAVES, Petrônio Rodrigues. *A Loja do Osório*. Ituiutaba. Edição do autor, 1984.

COMPÊNDIO DO VATICANO II: Constituições, Decretos, Declarações, 20ª. ed. Petrópolis, Vozes, 1989.

CUNHA, Marcus Vinicius da. *Ideário e Imagens da Educação escolar*. (org.) Campinas, Autores Associados, 2000.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Ideologia e Educação Brasileira*. São Paulo, 2ª. ed. Cortez, 1984.

DECCA, Edgar Salvadori de. *O Silêncio dos Vencidos - Memória, História e Revolução*. São Paulo, 6ª. ed. Brasiliense, 1994.

DEUSDARÁ, Therezinha. *Minas Gerais*. Rio de Janeiro, Nova ed. Editora Ao Livro Técnico, 1995.

DICIONÁRIO BIOGRÁFICO BRASILEIRO PÓS 1930. ABREU, Alzira Alves de. et.al. ed. ver.e atual. Rio de Janeiro, FGV, CPDOC, 2001, 5v.

DICIONÁRIO DE DIREITO CANÔNICO. SALVADOR, Carlos Corral. et. al. *Dicionário de direito canônico*. São Paulo, Loyola, 1993.

ENCICLOPLÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, XXV volume, Rio de Janeiro, 1959.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Dos Pardieiros aos Palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República*. Passo Fundo, UPF, 2000.

_____. *Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias: questões para a história da educação*. Autores Associados: Universidade de São Francisco, Bragança Paulista, 2000.

FONGARO, Pe. Stelio. Trad. Ir. Zélia C. Orgaghi. *A Voz, o Caminho, a Ação do Bem-Aventurado João Batista Scalabrini*. São Paulo, MSCS, 1998.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Trad. Betania Amoroso. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

GHIRALDELLI, Jr. P. *História da Educação*, São Paulo, Cortez, 1990.

FRANCESCONI, C.S. Mário. *João Batista Scalabrini: Pai dos imigrantes*. Trad. Irmã Lia Barbieri. Caxias do Sul, Editora São Miguel, 1971.

JOÃO, Paulo II. Carta Encíclica *Laborem exercens* do Sumo Pontífice João Paulo II., São Paulo, ed Paulinas, 1981. Departamento de História, São Paulo, USP, 1977.

MAGALHÃES, Justino. Comunicação: *Contributo para a História das Instituições Educativas* entre a memória e o arquivo. Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho: Portugal, 1998. (mimeo)

MARIA, Julio pseud. de Júlio César de Moraes Carneiro, padre. *A Igreja e a República*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981.

MOURA, Geovana Ferreira Melo. *Por trás dos Muros Escolares: luzes e sombras na educação feminina*. Colégio Nossa Senhora das Dores-Uberaba 1940/1966. Dissertação de Mestrado. Uberlândia, UFU, 2002.

MOURA, Pe. Laércio Dias de. *A Educação Católica no Brasil*. Passado, Presente, Futuro. 2ª. ed. São Paulo, Loyola, 2000.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. 2ª. ed. Rio de Janeiro, DP & A, 2002. Renes, Rio de Janeiro, 1969.

NÓVOA, Antonio (coord). *As Organizações Escolares em Análise*. Publicações D. Quixote, Lisboa, 1992.

NETO, Antonio Florentino. *Antonio Florentino Guimarães: um fazendeiro do Triângulo Mineiro*. Brasília, Editora Uberaba, 1985.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. *História da Educação Brasileira: a organização escolar*. Campinas, Autores Associados, 2000.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. 25ª ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2001.

SANFELICE, José Luís / SAVIANI, Dermeval e LOMBARDI, José Claudinei (org.) *História da educação: perspectivas para um intercâmbio internacional*. Campinas, Autores Associados, 1999.

SCALABRINI, João Batista. Trad. Ridovino Rizzardo. *A emigração italiana na América*. Centro de Estudos de Pastoral Migratória: Caxias do Sul, s/c. 1979.

_____ *Carta Pastoral, Quaresma*. Piacenza, 1887 (nst)

_____ *Carta sobre Educação Cristã*. Piacenza, 1889 (snt)

_____ *Carta Pastoral*. Piacenza. Itália, 1888. (Snt)

_____ *Carta Pastoral sobre Educação*. Piacenza. In: Escritos de Scalabrini. V.VIII, (1884-1896) Roma; SMCS. (snt)

_____ *Catecismo Católico*. Piacenza, Itália, 1877.

_____ *Scalabrini: uma voz atual*. Páginas Escolhidas dos Escritos. SMCS, São Paulo. 1989.

SEVERINO, Joaquim Antonio. *Metodologia do trabalho científico*. 21ª. ed. São Paulo, Cortez, 2000.

_____ *Educação e Ideologia e Contra- Ideologia*. 2ª. ed. São Paulo, EPU, 1986.

SOARES, Beatriz Ribeiro. *Uberlândia: da "Cidade Jardim" ao "Portal do Cerrado"* imagens e representações no Triângulo Mineiro. Tese de doutorado. São Paulo, USP, 1995.

THOMPSON, Paul. *A Voz do passado: história oral*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Paz e Terra. São Paulo, 1992.

TORRES, João Camilo de Oliveira. *História das Idéias Religiosas no Brasil*. Grijalbo Ltda, São Paulo, 1968.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do atlântico*. São Paulo, Instituto Cultural Ítalo-brasileiro: 1988.

XAVIER, Maria Elizabeth. *História da Educação - A escola no Brasil*. São Paulo, FDT, 1994.

_____ *Capitalismo e escola no Brasil*. Campinas, Papyrus, 1990.

WIRTH, John D. *O fiel da balança- Minas Gerais na Federação Brasileira (1889-1937)*. Paz e Terra. São Paulo, 1982.

Recebido em setembro de 2003

Aprovado em abril de 2004